

PRÁTICAS DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Cinthia Emerenciana de Almeida,

Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA)

Alexandre Palma,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marcelo Paraiso Alves,

Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA)/Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

RESUMO

O presente trabalho se caracteriza como uma proposição didática para a discussão de saúde junto a EJA. A referida proposição pedagógica foi aplicada em uma escola pública e objetivou visibilizar as experiências sociais desenvolvidas junto aos estudantes de uma escola da rede municipal de ensino. O escopo metodológico se desenvolveu por meio dos Estudos do Cotidiano, tendo a roda de conversa como sua principal dinâmica para apreensão do percurso dos(as) sujeitos praticantes em sua trajetória.

PALAVRAS CHAVE: Cotidiano; Currículo; Saúde.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetivou visibilizar as práticas do componente curricular Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Desse modo, se aproximou das Sociologias das Ausências e das Emergências, porque se por um lado disponibiliza as experiências de reconhecimento construídas no chão de uma escola pública, por outro lado, contribui para o estímulo na construção de ‘outros’ saberes, por intermédio da criação de experiências futuras, concretas e possíveis (SANTOS, 2010).

No que diz respeito à discussão desenvolvida no presente relato de experiência, torna-se relevante ressaltar que buscamos problematizar a noção de Saúde, nos aproximando das ideias de Santos (2010), por duas questões complementares: primeiro, pela intenção de contraposição à tentativa de padronização curricular, conforme proposição do Programa

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Saúde na Escola; segundo, pela oposição à concepção que opera via o binômio saúde/doença, reduzindo a saúde à mera prática de exercício físico e /ou atividade física (via saber biomédico).

METODOLOGIA

SUJEITOS DA PESQUISA

A investigação foi desenvolvida com estudantes da EJA, oriundos de uma escola da rede pública municipal no interior do estado do Rio de Janeiro, especificamente com uma turma de 34 estudantes com faixa etária compreendida entre quinze e dezessete anos.

Diante do exposto, priorizarmos a roda de conversa como instrumento metodológico, visto que, nos aproximamos da perspectiva de Benjamin (1994, p. 37), pois a arte de narrar é um acontecimento infinito: “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado [narrado] é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

Assim, cabe ressaltar que a justificativa pela narrativa se deve pela ruptura com o modelo proposto pela racionalidade moderna, que hierarquiza saberes ao estabelecer uma relação de sujeito/objeto ao modo pesquisador/entrevistado, em que a entrevista ou o questionário emerge à maneira inquisitória: depoimento.

Ao contrário, ao nos aproximarmos dos estudos do cotidiano buscamos na roda de conversa – instrumento da pesquisa – (FREIRE, 2011) como um espaço de troca, de compartilhamento e diálogo.

Nesse sentido, por se tratar da EJA, buscamos na dialogicidade *freireana* a metodologia para a produção de dados, pois entendemos que a partilha de experiências permite acessar “a inscrição de toda história e de toda memória individuais em uma história e memórias coletivas” (POLLAK, 2010, p. 12).

Considerando ser este estudo que envolve seres humanos, salientamos que o mesmo foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa do Centro Universitário de Volta Redonda, sendo aprovado sob o registro CAAE: 79105117.0.0000.5237.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Um aspecto relevante a ser ressaltado é que as aulas da EJA no município de Volta Redonda são conduzidas enredadas à pedagogia de projetos, cuja temática para a execução do projeto anual ocorre em uma avaliação diagnóstica realizada com os(as) estudantes no início do ano letivo. Considerando que as escolas, singularmente, constroem a temática do seu projeto, na ocasião do desenvolvimento desse estudo – 2018 –, a temática do projeto da escola pesquisada foi **‘Meu Corpo, Minha Identidade’**, com o objetivo de desenvolver o autoconhecimento, fortalecendo e ampliando o conceito de identidade dos(as) estudantes.

Outro aspecto importante a salientar é que, em detrimento da limitação em caracteres para este trabalho, optamos pelo recorte da sequência didática, apresentando apenas o movimento realizado na segunda aula, cujo objetivo foi confrontar as falas dos(as) estudantes obtidas na aula anterior, com outras situações do cotidiano.

Desse modo, inicialmente optamos por diferenciar atividade física de exercício físico, visto que, tais definições já haviam sido trabalhadas no primeiro bimestre e foram apontadas pelos(as) estudantes como fatores importantes para se ter saúde. É importante salientar que a sinalização, por parte dos(as) estudantes, quanto a importância do exercício e da atividade física para a aquisição de saúde, se revela como indício da concepção biomédica.

No intuito de problematizar as ‘falas geradoras’ (FREIRE, 2011) obtidas na primeira aula, optamos por uma aula expositiva com o uso do *Power Point*, em que apresentamos imagens que nos permitiram questionar e, simultaneamente, decodificar o mundo vivido.

Assim, a partir da imagem (Figura 1) realizamos alguns questionamentos, como por exemplo: A pessoa na imagem está realizando atividade física ou um exercício físico?

Ao apresentarmos a imagem de uma criança na carvoaria, os(as) estudantes responderam que ela realizava atividade física, pois estavam partindo da noção de que a atividade física é toda ação não sistematizada que gera gasto calórico e, de modo distinto, exercício físico emerge de uma ação sistemática (CHEIK, et al., 2008). Desse modo, retornávamos à pergunta da primeira aula no intuito de problematizar e decodificar o modo como percebem a realidade: mas, a criança da imagem possui saúde?

As narrativas que emergiram do diálogo foram variadas nos permitindo problematizar novamente com os(as) estudantes:

Aluno F: Não dá pra saber professora...

Aluna E: Não tem saúde porque faz as coisas em **excesso pra idade**.

Aluno G: **Não tem saúde porque trabalha no sol, não se alimenta direito.**

Aluno JV: Como você sabe que ele **não se alimenta direito?**

Figura 1 – Criança trabalhando em uma carvoaria



Fonte – <https://sarauparatodos.wordpress.com/2014/10/10/capitalismo-e-criancas/>

Para Freire (2011, p. 16), “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo”. Trazer a perspectiva dialógica (FREIRE, 2011), como uma metodologia de ensino, favoreceu o processo de construção de saberes, pois entendemos que a tessitura de conhecimentos ocorre a partir de uma dinâmica de enredamento. Para Oliveira (2012), tal processo ocorre a partir do intercâmbio de experiências e de saberes coletivos, permitindo aos participantes ressignificar conhecimentos, portanto, fazíamos novas indagações na intenção de promover o debate e a construção de outros saberes, por exemplo: anteriormente vocês não disseram que ter saúde é fazer atividade física? Os novos questionamentos que surgiam, por meio do diálogo, permitiam aos estudantes refletir sobre o modo como percebem o mundo, pois realizávamos o conflito entre as narrativas.

Posteriormente, passamos a outro momento significativo da aula, pois apresentamos imagens de alguns artistas que possuem o corpo considerado esteticamente perfeito, a partir dos pressupostos estabelecidos pela mídia (Figura 2).

Figura 2– Artistas reconhecidos pelos(as) estudantes



Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/10/belo-relembra-prisao-por-traffic-de-drogas-do-ceu-ao-inferno.shtml>

Gostaríamos de retomar aqui a ideia de Freire (2011) e do sociólogo Charles Wright Mills, de modo específico à proposição de uma imaginação intelectual entrelaçada à noção da investigação como um ofício, em que o pesquisador é concebido como um artesão (SANTOS, 2018).

Pensar a partir dessa lógica, nos moveu a uma investigação temática e, em decorrência, ao trabalho co-**labor**-ativo com os *sujeitospraticantes* do estudo, pois não realizamos uma ação investigativa na direção da pesquisa qualitativa extrativista – aquela que se apropria do saber do outro desconsiderando seu lugar de produtor de conhecimento –, mas construindo junto, coletivamente: As narrativas a seguir nos permitiu acessar as percepções dos(as) estudantes:

Aluno J: Ah ela tem saúde porque tem acompanhamento médico e tal...

Aluno R: Ah mas ela usa bomba, não come, faz dieta...

Aluna A: Ela tem silicone...

Desse modo, fundado no fazer sociológico explicitado, buscamos promover novamente o diálogo entre professor/estudante e estudante/estudante: Essas pessoas possuem saúde? Por quê? O que eles(as) fazem para conseguir esse corpo? O exercício físico é sinônimo de saúde?

Nesta linha de pensamento, questionamos a relação entre exercício físico, atividade física e sedentarismo, visto que Palma e Vilaça (2010, p. 106) problematizam como a prevalência do sedentarismo ou da inatividade física, em determinadas populações, tem sido



apresentada à população como sendo a responsável pela ocorrência de diferentes doenças. Os autores ainda ressaltam que a ausência de “clareza sobre o significado do que seja sedentarismo ou mesmo inatividade física” contribui significativamente para o estabelecimento da normalização dos corpos (IDEM).

Portanto, ao promover um espaço de dialogicidade e conflito epistemológico entre os(as) estudantes, ao longo da confecção do trabalho final, propiciamos a construção de saberes que emergiu da horizontalização dos conhecimentos trazidos ao chão da escola, perpassando pelos artigos teóricos propostos, os vídeos, as imagens retiradas das redes sociais, as imagens utilizadas pelos(as) estudantes, as experiências individuais e coletivas dos(as) estudantes.

Enfim, ao considerarmos que há uma riqueza inesgotável no mundo que está a ser desperdiçada, o que buscamos salientar é que, não concebemos essa proposta didática como modelo a ser seguido, mas como uma prática sociocultural construída em redes de subjetividade e que promoveu a ruptura com a hierarquização de conhecimentos valorizando e horizontalizando diversos modos de compreensão do mundo.

PUBLIC SCHOOL AND THE CURRICULUM AS EVERYDAY CREATION: THE VISIBILIZATION OF HEALTH POLICIESPRACTICES

ABSTRACT

The present study has characterizes a didactic proposal to the health discussion in EJA. This pedagogical proposition was applied in a public school and aimed to make visible the social experiences developed with the students of a school from the municipal education system. The methodological scope was developed through Daily Studies, with talking circles as its main dynamic to the comprehension of the subjects' paths in their learnin.

KEYWORDS: *Everyday life, Curriculum, Health.*



LA ESCUELA PÚBLICA Y EL CURRÍCULUM COMO CREACIÓN DIARIA: LA VISIBILIZACIÓN DE LAS POLÍTICAS PRÁCTICAS DE SALUD

RESUMEN

El presente trabajo se caracteriza como una proposición didáctica para la discusión de la salud junto con EJA y tuvo como objetivo hacer visibles las experiencias sociales desarrolladas con estudiantes de una escuela de la red municipal de enseñanza. El alcance metodológico se desarrolló a través de los Estudios del cotidiano, teniendo la rueda de conversación como su principal dinámica para aprehensión de caminos de los sujetos practicantes en sus trayectorias.

PALABRAS CLAVES: Cotidiano; Curriculum; Salud.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CHEIK, Nadia C. et al. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 11, n. 3, p. 45-52, 2008.

FASANELLO, Marina Tarnowski NUNES, João Arriscado; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. **Revista Eletrônica Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, out-dez.,12(4), pp. 396-414, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MARTINS, P. H. Epistemologias do Sul e seus Impactos sobre as ações e as Políticas em Saúde no Brasil. **Revista Ensaios e & Diálogos em Saúde Coletiva**, n. 3, 2016.

MENESES, Maria Paula. “Quando não há problemas, estamos de boa saúde, sem azar nem nada”: para uma concepção emancipatória de saúde e das medicinas. In SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização, 2005, pp. 423-468.

MOLLO, E. C. El vivir bien, una propuesta de los pueblos indígenas a la discusión sobre el desarrollo. **Obets. Revista de Ciencias Sociales**, (v. 6), n. 1, 2011, pp. 19-33.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

PALMA, A.; VILAÇA, Murilo Mariano. O sedentarismo da epidemiologia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 2, p. 105-119, 2010.

PALMA, Alexandre et al. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 1, p. 31-51, 2010.

RAGO, Margareth. Narcisismo, sujeição e estéticas da existência. **Verve**, n. 9, São Paulo, v. 9, 2006, pp. 236-250.

SANTOS, B. S. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

